

RELAÇÕES AMOROSAS INTERSUBJETIVAS E O DESENVOLVIMENTO HUMANO: IMPLICAÇÕES PARA A CLÍNICA

10.62506/phs.v6i33.218

Intersubjective Loving Relationships and Human Development: Implication for the Clinic

STEPHAN MALTA OLIVEIRA*

Relaciones Amorosas Intersubjetivas y Desarrollo Humano: Implicaciones para la Clínica

Resumo: Pretendo com o presente artigo mostrar como as relações amorosas intersubjetivas, sobretudo as primárias, são fundamentais para o desenvolvimento humano, como problemas nestas relações resultam em diferentes problemas ao longo do desenvolvimento bem como extraír implicações desta discussão para a clínica. Os referenciais teóricos que fundamentam o trabalho são as fenomenologias da vida e do dom e a psicanálise balintiana e intersubjetiva. A metodologia adotada é a revisão bibliográfica tipo narrativa, por meio da qual selecionei textos dos seguintes autores: Michel Henry, Jean-Luc Marion, Michael Balint e Robert Stolorow. Os resultados mostraram que a necessidade de amor é a mais fundamental de todas e que o amor primário entre a criança e seus pais bem como as relações intersubjetivas posteriores são fundamentais para que o indivíduo se sinta suficientemente amado. Problemas no desenvolvimento podem resultar em uma falta básica, levando ao sofrimento mental ou a reações defensivas como uma tendência à objetivação e à indiferença emocional, ambas violências ao amor originário. Com relação às implicações clínicas, foi possível constatar que as relações comunitárias que se dão na clínica possibilitam a transformação do sofrimento em fruição e a reconexão do paciente com a Vida, podendo a pessoa amar primeiro, sem reciprocidade.

Palavras-chave: Amor primário; Intersubjetividade; Relações comunitárias; Clínica fenomenológica-psicanalítica.

Abstract: With this article, I intend to show how intersubjective loving relationships, especially primary ones, are fundamental for human development, how problems in these relationships result in different problems throughout development, as well as extract implications of this discussion for the clinic. The theoretical references that underlie the work are the phenomenologies of life and gift and Balintian and intersubjective psychoanalysis. The methodology adopted is a narrative bibliographic review, through which I selected texts by the following authors: Michel Henry, Jean-Luc Marion, Michael Balint and Robert Stolorow. The results showed that the need for love is the most fundamental of all and that the primary love between the child and their parents as well as subsequent intersubjective relationships are fundamental for the individual to feel sufficiently loved. Developmental problems can result in a basic fault, leading to mental suffering or defensive reactions such as a tendency towards objectification and emotional indifference, both of which do violence to originary love. Regarding clinical implications, it was possible to verify that the community relationships that take place in the clinic enable the transformation of suffering into enjoyment and the patient's reconnection with Life, allowing the person to love first, without reciprocity.

Keywords: Primary love; Intersubjectivity; Community relationships; Phenomenological-Psychanalytic practice.

Resumen: Con este artículo pretendo mostrar cómo las relaciones amorosas intersubjetivas, especialmente las primarias, son fundamentales para el desarrollo humano, cómo los problemas en estas relaciones resultan en diferentes problemas a lo largo del desarrollo, así como extraer implicaciones de esta discusión para la clínica. Los referentes teóricos que subyacen a la obra son las fenomenologías de la vida y el don y el psicoanálisis Balintiano e intersubjetivo. La metodología adoptada es una revisión bibliográfica narrativa, a través de la cual seleccioneé textos de los siguientes autores: Michel Henry, Jean-Luc Marion, Michael Balint y Robert Stolorow. Los resultados mostraron que la necesidad de amor es la más fundamental de todas y que el amor primario entre el niño y sus padres así como las relaciones intersubjetivas posteriores son fundamentales para que el individuo se sienta suficientemente amado. Los problemas de desarrollo pueden resultar en una falta básica, lo que lleva a sufrimiento mental o reacciones defensivas como una tendencia a la cosificación y la indiferencia emocional, las cuales violentan el amor originario. En cuanto a las implicaciones clínicas, se pudo verificar que las relaciones comunitarias que ocurren en la clínica posibilitan la transformación del sufrimiento en goce y la reconexión del paciente con la Vida, permitiendo amar primero, sin reciprocidad.

Palabras-clave: Amor primario; Intersubjetividad; Relaciones comunitarias; Clínica fenomenológica-psicoanalítica.

* Faculdade de Medicina, Universidade Federal Fluminense, Niterói- RJ. Email: stephanmolineira@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9806-9844>



Introdução

Pretendo com o presente artigo: a) mostrar como as relações amorosas intersubjetivas, sobretudo as primárias, são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano; b) como problemas nestas relações resultam em diferentes problemas ao longo do desenvolvimento; c) extrair implicações desta discussão para a clínica.

Duas categorias conceituais são centrais neste trabalho, a saber, a noção de amor e seus desdobramentos em amor originário e amor primário, e a noção de intersubjetividade. Os referenciais teóricos que fundamentam o trabalho e oferecem as ferramentas conceituais podem ser divididos em dois grupos: um relacionado à filosofia e outro à clínica. O primeiro é constituído pelos referenciais da fenomenologia da vida, de Michel Henry, e da fenomenologia do dom, de Jean-Luc Marion, enquanto o segundo pela psicanálise das relações objetais, de Michael Balint, e pela psicanálise fenomenológica intersubjetiva, de Robert Stolorow. A metodologia utilizada consiste na revisão não sistemática da literatura tipo narrativa, por meio da qual foram selecionados os seguintes textos principais, além de outros textos complementares: *Fenomenologia material, A essência da manifestação e Encarnação: uma filosofia da carne*, de Michel Henry; *Prolegômenos à caridade e O fenômeno erótico*, de Jean-Luc Marion; *A falta básica*, de Michael Balint; e *Da mente para o mundo, da pulsão para a afetividade: uma perspectiva psicanalítica fenomenológico-contextualista*, de Robert Stolorow. A escolha pela psicanálise balintiana se deu pela ênfase do autor à relação do indivíduo com o ambiente e à noção de amor enquanto a escolha pela psicanálise pós-moderna de Stolorow foi devido ao fato de o autor considerar a afetividade e a relacionalidade como categorias ontológicas fundamentais bem como por sua ênfase à noção de intersubjetividade, compreendendo a relação criança-cuidador/a e o encontro clínico como uma relação sujeito-sujeito e não sujeito-objeto. Tais aspectos centrais em ambas as abordagens possibilitaram o diálogo com as fenomenologias de Henry e Marion.

Na primeira parte do artigo, buscarei mostrar como as relações amorosas intersubjetivas precoces e também aquelas que se dão em períodos posteriores do desenvolvimento são fundamentais para um desenvolvimento psicológico saudável, compreendido em suas dimensões espiritual e ética. Utilizarei para isto as seguintes categorias conceituais: amor originário, amor primário, necessidade de amor, intersubjetividade e comunidade. Na segunda parte do trabalho, abordarei os problemas que se dão no desenvolvimento humano advindos de problemas nas relações intersubjetivas, sobretudo, as precoces, mostrando como estes problemas podem se manifestar na forma da psicopatologia ou ainda na forma de uma reação defensiva marcada pela indiferença emocional. Na terceira e última parte, buscarei extrair as implicações de toda a discussão apresentada para uma clínica psiquiátrica/psicológica/da saúde mental.

Relações amorosas intersubjetivas e o desenvolvimento humano

Iniciarei esta seção abordando as noções de intersubjetividade, tanto em Michel Henry quanto em Jean-Luc Marion, e de amor, sendo este compreendido como o fenômeno originário, entendendo que as relações de amor se dão, na verdade, no seio de relações duais intersubjetivas comunitárias. Os dois filósofos mencionados pertencem à chamada nova fenomenologia francesa e ambos questionam o primado da consciência intencional husserliana. Michel Henry (2015) mostra que há um duplo aparecer da fenomenalidade, visível e invisível. O primeiro diz respeito à exterioridade, ao que se mostra no mundo e corresponde à intencionalidade, à constituição do mundo objetal pelos atos da consciência e, portanto, ao mundo da representação. O segundo, por sua vez, diz respeito à subjetividade, à interioridade, cujo acesso se dá de maneira imediata, sem nenhuma mediação, diferente do que ocorre com o pensamento. Henry (2015), em sua redução fenomenológica radical, nos conduz ao que há de mais originário e essencial no ser humano, a saber, a afetividade, o *pathos* originário – cujas tonalidades afetivas fundamentais são o sofrimento e o gozo – a autorrevelação patética da vida. Além disto, mostra que não é o pensamento que prova a vida, como no penso, logo, existo do segundo Descartes, mas o que ele denomina autoafecção originária, mostrando que a vida se prova e se experimenta a si mesma, sem nenhuma mediação, retomando a primazia do sentir do primeiro Descartes. Com a noção de autoafecção originária, o filósofo francês mostra que somente eu posso sentir o que eu sinto e que a autoafecção é condição de possibilidade para qualquer heteroafecção, que sou um ser passível de ser afetado pois posso algo como uma autoafecção originária, diferentemente dos objetos inanimados.

Com relação à experiência do outro, Henry (2009) critica a formulação de Husserl, mostrando que esta não se dá pela via da representação, do pensamento, por analogia, mas sim de maneira direta pela via da sensibilidade-afetividade, ou do que ele denomina intersubjetividade patética, a qual se dá na não intencionalidade, na invisibilidade.



O desenvolvimento da intersubjetividade patética concreta fica por fim regulado pelas leis da apresentação perceptiva e não pelas leis do pathos das subjetividades em seu co-pertencimento interno ao Fundo da vida: não são as leis do desejo e da realização, do sofrer e do gozar, do sentimento e ressentimento, do amor e ódio, senão uma vez mais da percepção, uma percepção que Husserl considera o princípio e o modelo de nosso acesso ao Ser, quer se trate da relação com nosso próprio ego ou com o do outro (...) Eis aqui uma nota do que ele (Kierkegaard) chama 'a estranha acústica do mundo espiritual', que faz que as leis do ser em comum não sejam precisamente as das coisas, as leis da percepção. Hic, illic, no que diz respeito à minha relação com o outro na intersubjetividade originalmente patética em que estou com ele não tem nada a ver com o hic e o illic dos que fala a Quinta Meditação cartesiana, com o hic e o illic dos corpos percebidos na esfera primordial do próprio. É precisamente esta acústica espiritual que desafia as leis da percepção o que define nossa relação concreta com o outro (Henry, 2009, p. 202 e 204, tradução feita pelo autor).

Este encontro entre duas subjetividades patéticas se dá a partir do Fundo comum a todos os viventes, do *pathos-com*, condição de possibilidade para a existência de uma Comunidade de viventes. O que há em comum nesta comunidade, segundo Henry, é justamente o *pathos*, o sofrer e o fruir, bem como a Vida absoluta a partir da qual toda vida é gerada, "por efeito de um amor superabundante", em sua gratuidade (Henry, 2014, p. 340), sendo o amor originário aprioristicamente comunitário, o que permite não que eu sinta o que o outro sente, mas que eu sinta que o outro sente. Segundo Henry (2014), o ser-com heideggeriano tem precedência sobre o ser-no-mundo, não sendo uma mera modalidade deste.

Como o que há em comum em toda comunidade é a Vida, a comunidade apresenta este outro traço essencial: ser uma comunidade de viventes no sentido de Sis transcendentais viventes, na medida em que é somente nela que tais Sis são possíveis e que, reciprocamente, ela não é possível sem eles, sem o Si primordial no qual ela vem a si e que contém a multiplicidade potencial e indefinida de todos os eus possíveis (Henry, 2014, p. 180).

Segundo Colombo e Antúnez (2022), são justamente as relações intersubjetivas comunitárias que possibilitem a transformação do sofrer em fruir, o que tem importantes implicações clínicas, como será mostrado adiante.

A relação amorosa é a relação intersubjetiva por excelência (a plenitude do sentir comum) e toda relação comunitária, desde que não degradada em relações meramente inter-objetivas e baseadas meramente na representação, remete ao amor originário. Jean-Luc Marion, em sua fenomenologia do dom ou, poder-se-ia dizer, do amor, é um dos poucos filósofos que se propõem a tratar explicitamente o amor do ponto de vista filosófico. Marion (1993) afirma que vivemos, caminhamos e respiramos no amor, que o fenômeno que mais radicalmente me afeta e toca a minha carne é o do amor, dando origem à pergunta fundante da subjetividade: me amam de outro lugar? Este outro lugar é fundamental pois a alteridade, que interpela e descrenta o eu, também é originária. A questão do me amam? própria da redução erótica marioniana antecede a própria questão do ser, sendo anterior a esta.

Na redução erótica, não sou o ente que eu finjo ser pelo pensamento, senão que sou ali onde me encontro, ali onde me afeta outro lugar possível (...) um ali onde se possa amar-me ou não amar-me (...) 'ser ou não ser', esta não é a questão, senão de um possível amor ('me amam ou não?', esta é a questão) (Marion, 2005, p. 50, tradução feita pelo autor).

O filósofo francês, no livro *O fenômeno erótico*, segue o percurso de sua redução erótica, em que após o me amam de outro lugar?, o sujeito passa a amar reciprocamente, amo desde que me amem, até chegar ao termo da redução com a pergunta: "posso amar eu primeiro" (Marion, 2005, p.88), sem exigência de reciprocidade? Marion, em sua redução erótica, radicaliza ainda mais a redução fenomenológica, chegando não apenas ao gozo e sofrimento, mas ao amor como o fenômeno que mais radicalmente afeta a nossa carne.

Tal qual na intersubjetividade patética postulada por Michel Henry, Marion (1993) em sua obra *Prolegômenos à caridade*, lança mão da mirada (olhar) para abordar a não intencionalidade do amor. A imagem que melhor traduz o amor é a cruzada invisível das miradas. Quando apreendo um objeto, suas características e propriedades, o faço sobretudo por meio da visão, da visibilidade, da consciência intencional – e representativa – husserliana, na constituição (aspecto noético) dos objetos que se apresentam à minha consciência (aspecto noemático). Tomo posse destes. Quando olho para outra pessoa, pela primeira vez olho para alguém que também me olha, que também possui uma consciência intencional, o que Marion denomina contra-intencionalidade. Posso, contudo, objetificar qualquer parte do corpo do outro, olhar para a forma do seu corpo, para seus braços, suas pernas, para seu rosto e mesmo para seus olhos, para o branco dos olhos, a cor; mas quando olho para o ponto negro central dos olhos da outra pessoa, a pupila, não vejo nada, apenas o olhar que me olha (Marion, 1993).



Sustentar uma mirada significa, de fato, sustentar ali o insubstituível invisível; do qual não pode tratar-se mais que de uma mirada invisível encontramos uma nova confirmação com relação à impossibilidade de uma objetividade insubstituível, pois o objeto se vê, se define, se repete. O insubstituível não se cumpre mais que em uma mirada, incessantemente outra na medida em que operaria a partir da própria alteridade. Assim pois, a mirada enquanto se expõe o outro como tal, ao pesar sobre a minha, não pode senão ordenar-lhe que se exponha por sua parte à insubstituível individualidade. A mirada que se cumpre na insubstituível individualidade não pode ordenar-me senão cumprir – projetando-me em uma mirada – minha insubstituível individualidade. Se em sua mirada o outro (se) arrisca à sua última individualidade, ele não pode ordenar-me mais que arriscar-me ao mesmo tempo à minha última individualidade: a dar o insubstituível ao insubstituível. Sublinhemos que não se trata aqui de restabelecer dois próprios, dois eus. Se trata para cada um deixar-se convocar mediante a convocação do outro, em sua própria individualidade, cumprida inteira no êxtase da mirada, não de retomar possessão de si reintegrando o seu próprio, senão de expor-se em pessoa ao último êxtase do outro (...) O outro me advém precisamente como tal porque me converte em indispensável (...) Liberado da intencionalidade, o amor se definiria, todavia, no campo da fenomenologia, como o ato de uma mirada que se entrega a outra mirada em uma comum insubstituibilidade. Entregar-se a uma mirada significa, para outra mirada, entregar-se a ela como a um encontro (Marion, 1993, p. 114-115-116, tradução feita pelo autor).

Marion (1993; 2005) mostra que o amor possibilita que vejamos inúmeros outros fenômenos, que é preciso amar para ver e não ver para amar. Sob a lente do amor, é possível ver o outro como único e insubstituível, inobjetivável e irreduzível a qualquer pensamento conceitual. Por meio da comunhão amorosa, individualizo e singularizo tanto o outro quanto a mim mesmo.

Diante do exposto acerca das relações amorosas intersubjetivas e comunitárias, do amor como o fenômeno originário, gostaria de, baseado em experiências pessoais, em observações clínicas e concordando com Michael Balint (1979), propor que o amor é a necessidade humana mais fundamental. Sabemos que é fundamental para a sobrevivência do bebê humano que suas necessidades básicas – fisiológicas, de afeto, proteção/segurança, etc – sejam atendidas, mas que a necessidade mais fundamental de todas é a de ser amado (e isto inclui o afeto, a proteção, atenção, o reconhecimento e a doação de um outro significativo, geralmente, a mãe ou quem exerce a função materna e o pai ou quem exerce a função paterna). Certamente, atender à necessidade do bebê de ser amado aumenta consideravelmente suas chances de sobrevivência, mas seria extremamente simplista reduzir tal necessidade unicamente à busca por sobrevivência, em uma visão puramente naturalista-evolucionista. Para além das necessidades de sobrevivência do indivíduo, há uma necessidade maior, relacionada à vontade de sentido postulada por Viktor Frankl (2016), que diz respeito à necessidade de algo que contenha todo o sentido da existência, e este é o amor. Como afirma Hans Balthasar (1989), o amor incondicional entre pais e filhos contém todo o sentido da existência humana (Oliveira, 2023a). Portanto, o ser humano, mesmo ainda nos primórdios do seu desenvolvimento, não necessita apenas sobreviver, mas necessita de sentido – que não se passa em um plano racional, mas essencialmente afetivo – de viver, de fruir da vida.

Outro aspecto importante a ser considerado é que o ser humano nasce em um completo estado de dependência, que se caracteriza por um desamparo originário, como diria Freud (1996), necessitando, portanto, de uma doação quase em tempo integral por parte de sua mãe (e também de seu pai) para que sua necessidade mais fundamental – a de ser amado – seja satisfeita. Michael Balint (1979, p. 89-90), na citação abaixo, ilustra muito bem esta necessidade e como os pais devem estar preparados para tal:

Tenho que ser amado em todos os aspectos por toda coisa e toda pessoa que seja importante para mim, sem que nada me exija um esforço ou pretenda uma retribuição por amar-me. Se trata tão somente de meus desejos e necessidades que são os únicos que contam; nenhuma das pessoas que são importantes para mim devem ter outros interesses, desejos e necessidades que não sejam os meus, e se os têm diferentes, devem subordinar-lhes aos meus sem ressentimento nem resistência; de fato, deve produzir-lhes prazer a estas pessoas ajustar-lhes aos meus desejos. Se isto ocorre, me sentirei feliz, satisfeito e bem, mas isto é tudo. Se isto não ocorre, tudo será terrível tanto para o mundo quanto para mim (tradução feita pelo autor)

Balint (1979) define como amor primário a experiência humana mais originária, até mesmo anterior ao que Freud designou como autoerotismo e narcisismo primário, mostrando que estes, na verdade, são secundários àquele. Segundo o psicanalista húngaro, o amor primário se dá ainda na vida do feto, na relação que este estabelece com o entorno, caracterizada por uma “interpenetração harmoniosa” (p. 84) com o ambiente. Após o nascimento, Balint mostra que esta harmonia é perdida e inicia-se a fase do amor objetal primário, em que o objeto primário de amor, como visto na citação anterior, deve satisfazer a todas as necessidades do bebê, de modo a restabelecer a harmonia com o entorno, a fim de que este possa “amar em paz” (p. 84). Este é um dos principais exemplos de como a relação intersubjetiva se faz fundamental para a transformação do sofrimento em fruição. O amor parece se relacionar diretamente à fruição enquanto a falta deste à angústia. Um exemplo empírico que ilustra bem isto é a fruição do bebê na vida, que se faz possível a partir da satisfação de suas necessidades pelo acolhimento de sua mãe.



A harmonia com o entorno de que nos fala Balint, ou poder-se-ia dizer, o poder amar em paz, irá caracterizar toda a busca do indivíduo ao longo de seu desenvolvimento, de toda a humanidade, enquanto alvo dos investimentos libidinais. Ao longo do desenvolvimento, posteriormente ao amor objetal primário, Balint (1979) descreve o amor adulto, que se caracteriza pelo que o autor chama de “trabalho de conquista” - em que o indivíduo ativamente renuncia a algumas necessidades do eu para ter o amor da pessoa amada - e pela reciprocidade. Tecendo uma analogia com a redução erótica marioniana, poderíamos dizer que o amor materno ou paterno, no qual espera-se que o sujeito se encontre capaz de, em diversos momentos, renunciar às suas necessidades em função das necessidades do outro, se alinha ao termo da redução, isto é, ao posso amar eu primeiro¹, de forma incondicional.

Gostaria de ressaltar, sobretudo a partir de observações clínicas, que o ser humano em seu período inicial de desenvolvimento, não necessita apenas do amor da mãe (ou de quem exerce a função materna), como comumente encontramos na literatura psicológica, mas necessita também do amor do pai. Talvez a não consideração da importância do papel do pai no desenvolvimento humano tenha se constituído em função do caráter sexista de nossas sociedades, tanto para justificar a necessidade do homem no trabalho – atendendo também às exigências do sistema de produção vigente – quanto para isentar o pai de suas responsabilidades no desenvolvimento do/a filho/a, sobretudo no domínio afetivo.

Postulo ainda que a necessidade de ser amado, fundamental, quando atendida, para que o indivíduo se sinta suficientemente amado – do ponto de vista qualitativo (Oliveira, 2023a) - e consequentemente fundamental para o desenvolvimento pleno do ser humano, se mantém mesmo na vida adulta, nas relações significativas que aparecem *a posteriori* no desenvolvimento, sejam relações de amizade, sejam relações amorosas. Ainda que os pais atendam relativamente bem às necessidades de amor do/a filho/a, este/a ainda continuará apresentando na adolescência e vida adulta necessidade de afeto, segurança e reconhecimento, por exemplo. Contudo, não há como negar o papel primordial que os cuidadores primários – mãe e pai – têm neste processo, em possibilitarem ao indivíduo a internalização de um senso de algo como um “sentir-se suficientemente amado”.

Concluo esta seção mostrando a essencialidade do sentir-se suficientemente amado/a e sua relação direta com o desenvolvimento psicológico considerado saudável, pleno. Quando este está presente, há importantes implicações com relação às dimensões espiritual e ética do ser humano. O sentir-se suficientemente amado/a implica que o indivíduo não precise lançar mão de defesas rígidas, podendo acessar de forma mais abrangente sua própria sensibilidade-afetividade, alargando seu horizonte emocional nas palavras de Stolorow (2011), mantendo-se conectado, desta forma, com a Vida, com o *pathos* originário, com seu sofrimento e gozo, podendo experientiar outras tonalidades afetivas derivadas da fruição e relacionadas à espiritualidade, tal qual no amor primário, como a paz, a serenidade, a plenitude e o maravilhamento com a beleza (o sentimento estético), que remete ao Mistério (Oliveira, 2023b). Não se trata de uma regressão, como postulado por Freud acerca do sentimento oceânico, mas de reconhecer que o final já se revela no começo (Balthasar, 1989) e que este “final” pode ser buscado e alcançado ao longo de toda a vida, ainda que pertença à categoria do instante. Como afirma o filósofo judeu Franz Rosenzweig (1997), o amor nasce, morre e renasce a cada instante. Ainda com relação às implicações para a dimensão espiritual, o sujeito que se sente suficientemente amado, ao acessar sua própria afetividade, em conexão com a Vida, pode sentir que a vida não advém por ele/a, mas por si mesma, enquanto pura passividade e pura gratuidade, sentindo, portanto, que o amor primário ou o amor vivenciado nas relações intersubjetivas e comunitárias posteriores remetem, na verdade, ao amor originário. No que tange às implicações para a dimensão ética, o indivíduo ao acessar sua própria sensibilidade, se torna capaz de estabelecer relações intersubjetivas e comunitárias autênticas, de entrar em comunhão amorosa com o outro, sensibilizando-se com o sentir e o *pathos* do outro, em *co-pathos* (*com-paixão*) com sua dor e vulnerabilidade.

Problemas no desenvolvimento humano e reações defensivas

Considerando que o amor é a necessidade humana mais fundamental e o fenômeno decisivo para o pleno desenvolvimento humano, não é difícil imaginar os danos potenciais a este desenvolvimento em virtude da falta de amor, de problemas nas relações intersubjetivas primárias. Michael Balint (1979) nomeia o dano decorrente de problemas no amor objetal primário de falta básica, que diz respeito à discrepância intensa entre as necessidades da criança e suas gratificações pelo objeto primário; a mera não correspondência exata entre necessidades e gratificações neste período precoce do desenvolvimento pode ser compreendida como uma falta básica estruturante, mas uma discrepância intensa entre ambas resulta, de fato, na falta básica propriamente dita, de caráter patogênico. Isto tem por consequência um dano, uma falta na constituição subjetiva que acompanhará o indivíduo ao longo de toda sua vida, sendo possível apenas sua reparação parcial *a posteriori*; tal falta está relacionada a quadros psicopatológicos que, de acordo com o psicanalista húngaro, remontam a períodos precoces do desenvolvimento, antecedendo o complexo de édipo, como nos quadros esquizofrênicos e narcisistas¹. A despeito das especificidades propostas por Balint sobre este conceito, interessa-nos para

¹ É importante ressaltar que Balint (1979) também reconhece a contribuição dos fatores genéticos que podem resultar na discrepância intensa entre as necessidades da criança e suas gratificações pelas/os cuidadoras/es, e não apenas os fatores ambientais.



os propósitos deste trabalho a ideia de que problemas nas relações amorosas primárias, não compensados pelas relações afetivas com outras pessoas significativas *a posteriori*, resultam em algo como uma falta básica, ou uma carência básica de amor, de afeto, de segurança, de reconhecimento.

Outro psicanalista, o estadunidense Robert Stolorow, criador da psicanálise fenomenológica intersubjetiva, trabalha em sua psicanálise pós-moderna com a noção de que o trauma emocional resulta de uma não validação e um não reconhecimento por parte dos cuidadores primários – mãe ou pai – da experiência emocional do/a filho/a, dos seus desejos, sua dor, de uma quebra na sintonização emocional entre ambos; em outras palavras, o trauma resulta de experiências dolorosas vivenciadas pela criança (ou adulto *a posteriori*), que geram angústias intoleráveis, as quais não são validadas pelos pais (ou por outras pessoas significativas) (Stolorow, 2011).

Certamente que fatores genético-biológicos não devem ser desconsiderados quando abordamos as relações primárias entre a criança e seus pais bem como as relações emocionalmente significativas subsequentes entre o indivíduo e outros significativos, podendo a criança ter, por exemplo, tolerância muito baixa a mínimas frustrações e demandar, nestes casos, um nível de cuidado e doação para o qual os cuidadores primários não estejam preparados em atender, que excede suas possibilidades subjetivas, mas não se pode igualmente negligenciar o papel primordial das relações amorosas precoces bem como a legitimidade da necessidade humana de amor.

Assim como descrito na seção anterior, gostaria de retomar neste ponto a importância do amor paterno. Nas inúmeras vivências pessoais e clínicas, podemos constatar que a criança não demanda apenas o amor da mãe, mas também do pai, que não apenas a diáde, mas a tríade criança-mãe-pai é fundamental para suprir as necessidades emocionais humanas. É possível perceber claramente na clínica, como em alguns quadros depressivos na adolescência, por exemplo, e em tantos outros, o quanto a falta sentida do amor paterno marca profundamente o desenvolvimento e a constituição subjetiva da pessoa. Para além disto, como também havia mencionado anteriormente, parece-me que a necessidade de amor, mesmo que razoavelmente bem atendida na infância, permanece ao longo do desenvolvimento, na vida adulta, seja nas relações de amizade, profissionais ou amorosas, e que estas serão fundamentais para possibilitar ao indivíduo a internalização do senso de sentir-se suficientemente amado/a ou mesmo para compensar, ainda que parcialmente, os problemas afetivo-relacionais ocorridos precocemente.

Tendo sido feita esta introdução inicial acerca dos possíveis problemas nas relações amorosas intersubjetivas primárias, gostaria de discutir agora os dois principais caminhos que o indivíduo pode adotar em sua trajetória de vida a partir da vivência desta falta ou carência afetiva básica, do “não sentir-se suficientemente amado/a”. Um deles é o caminho do sofrimento psíquico, objeto da psicopatologia, e outro da formação de uma personalidade caracterizada pela indiferença emocional, pela onipotência e desconexão com a Vida.

No primeiro caminho adotado, em virtude do não sentir-se suficientemente amado/a, há uma tendência da pessoa a se fixar no polo do sofrimento, considerando as duas tonalidades afetivas básicas, a não ter uma fluidez na passagem do sofrimento ao gozo, tendo uma tendência a experienciar afetos intoleráveis de angústia, que justamente por não terem encontrado um “lar relacional”, nas palavras de Stolorow (2011, p. 171), isto é, por não terem sido validados por outros significativos, farão com que o sujeito busque ajuda especializada, como ocorre no sofrimento mental, no caso das psicopatologias. É importante ressaltar também que há um outro tipo de sofrimento mental que não necessariamente resulta de problemas/falhas nas relações amorosas precoces, mas de eventos traumáticos, que resultam em afetos intoleráveis e insuportáveis, os quais são refratários às possibilidades de um acolhimento e validação imediata por parte de outras pessoas significativas, em virtude da intensidade do evento traumatógenico. Esta validação e acolhimento poderão ocorrer apenas *a posteriori*, como no caso do tratamento em saúde mental, como mostrarei na última seção do artigo.

Em virtude dos afetos dolorosos e insuportáveis vivenciados, seja em virtude de uma carência afetiva básica, seja em função de eventos traumatógenicos, o indivíduo poderá manter-se fixado nestes afetos, como nos quadros depressivos, ou poderá lançar mão de inúmeros mecanismos e estratégias defensivas, numa tentativa de aplacar a dor. Inúmeras destas estratégias são conhecidas na psicopatologia, como os comportamentos impulsivos, compulsivos e/ou autodestrutivos, como no caso das passagens ao ato, como na heteroagressividade, nas autolesões e nas tentativas de suicídio. Além disto, o sujeito pode buscar desenfreadamente prazeres imediatos e fugazes, como no caso da dependência química ou das relações sexuais compulsivas, numa tentativa de esquivar-se da angústia, como diria Kierkegaard (2010), o que acaba sendo ineficaz, pois esta invariavelmente retornará, com o aumento cada vez maior da sensação de vazio. Todos estes comportamentos constituem uma violência ao amor originário (Martins & Antúnez, 2018).

Gostaria de ressaltar que nada disto se aplica às chamadas deficiências, àqueles quadros de origem genética, como a síndrome de Down, por exemplo, ou predominantemente genética, como no caso do autismo (Griesi-Oliveira & Sertié, 2017), que cursam com limitações em algumas funções específicas, sendo a deficiência, de acordo com a definição atualmente válida (CDPD, 2007/2014), resultante da interação entre estas limitações e uma sociedade excludente (Diniz, 2007). Nestes casos, como em quaisquer outros, poderão acontecer ambas as situações, a pessoa se sentir suficientemente amada ou não.

Passemos ao outro caminho adotado pelo indivíduo diante do “não sentir-se suficientemente amado/a”. Neste caso, o sujeito não chega a manifestar claramente os afetos dolorosos e insuportáveis, próprios da psi-



copatologia, provavelmente pelo fato de as defesas serem muito bem-sucedidas. O indivíduo adota a defesa da racionalização e indiferença emocional, do *falso-self* (Winnicott, 1975), do egocentrismo e da onipotência, praticamente não mais sentindo, nem sofrimento, muito menos gozo pela vida, num estreitamento de seu horizonte emocional (Stolorow, 2011). Há uma tendência então à objetivação, negação da própria subjetividade e indiferença emocional pelo outro, a estabelecer relações sociais (não comunitárias) puramente objetivas, baseadas na representação, o que pode culminar na constituição de uma personalidade indiferente-onipotente-opressora (Pereira, 2023) e na redução da alteridade ao eu (Lévinas, 1980); não sensibilização pelo sentir e pelo *pathos* do outro, desconexão com a Vida, violência ao amor originário (Martins & Antúnez, 2018), base da barbárie, no sentido conferido por Michel Henry (2012) à ciência e sociedade modernas, enquanto uma autonegação da vida.

Implicações para a clínica

A partir do que foi exposto anteriormente, extrairei algumas possíveis implicações para a construção de uma clínica fenomenológica-psicanalítica. Considerando que haverá demanda por tratamento para aqueles indivíduos com sofrimento mental, faz-se fundamental que no encontro clínico o terapeuta represente um outro significativo para o paciente. Para que isto aconteça, é fundamental a construção de relações emocionalmente significativas, de confiança e estáveis ao longo do tempo. Robert Stolorow (2011), ao fazer uma analogia da relação médico/terapeuta-paciente com as relações primárias estabelecidas pela criança, mostra a importância de que o terapeuta valide e reconheça a experiência emocional do paciente, crie um “lar relacional” (p. 171) que possa acolher as angústias vivenciadas por este, e poderia acrescentar, reconheça e valide seus desejos bem como seu modo único de existir, em outras palavras, estabeleça uma sintonização afetiva com o paciente. Tudo isto se passa, sobretudo, no plano da afetividade. Ainda quando há algum tipo de interpretação, como aponta Stolorow (1993), é fundamental que esta venha acompanhada de uma sintonização emocional com o paciente, para que não seja vazia e violenta. O psicanalista estadunidense, ao criticar a posição de neutralidade do analista, mostra que no encontro intersubjetivo que se dá na clínica, certamente a personalidade do terapeuta terá um papel de extrema relevância com relação à construção do vínculo com o paciente e com relação à quebra de suas resistências, possibilitando o alargamento do seu horizonte emocional.

Michael Balint (1979), por sua vez, também defende a importância do vínculo afetivo na clínica, que se possa a partir deste e da continuidade do acompanhamento, criar condições de possibilidade para que as defesas do/a paciente pouco a pouco sejam quebradas e que este/a entre em um estado regressivo até chegar ao nível da falta básica, quando suas demandas se tornarão excessivas na busca por uma harmoniosa interpenetração com o entorno, para que possa ter sua necessidade mais fundamental atendida, a de ser amado/a, havendo desta forma o afloramento da criança que existe em si, ou seja, dos afetos vivenciados precocemente, e cada resposta positiva do terapeuta será recebida com extrema gratificação pelo paciente e cada resposta negativa com extrema frustração. Segundo Balint (1979), é importante que o terapeuta não necessariamente gratifique todas as necessidades de seu paciente, mas que as valide, acolhendo-as afetivamente, para que seja possível um “novo começo” (p. 90) a partir da falta básica, a qual poderá ser ao menos parcialmente, reparada, e o indivíduo poderá talvez sentir-se suficientemente amado/a.

Considerando as implicações da fenomenologia da vida para a clínica, é importante termos em mente que a relação terapeuta-paciente constitui um encontro intersubjetivo que se dá a partir do Fundo comum a todos os viventes, enquanto uma intersubjetividade patética, isto é, que se passa sobretudo na dimensão da afetividade, do *co-pathos*, da com-paixão, sendo portanto, fundamental que o terapeuta se sensibilize com a dor do paciente, com seu sentir e sua vulnerabilidade, criando um ambiente de acolhimento e responsividade emocional. Trata-se de uma relação comunitária que remete ao amor primário entre pais e filhos/as, o qual remete ao amor originário.

A construção deste tipo de relação na clínica possibilita que o/a paciente possa, a princípio, tolerar e manejar afetos e angústias que até então eram intoleráveis e insuportáveis, sair de sua fixação na tonalidade afetiva do sofrimento e, aos poucos, possibilita a transformação/transubstanciação do sofrer em fruir (Ferreira & Antúnez, 2014), o que se dá em comunidade (Colombo & Antúnez, 2022), na primazia da invisibilidade sobre a visibilidade na dupla manifestação da fenomenalidade. O paciente, então, começa a se sentir suficientemente amado/a e tem a possibilidade de romper com suas barreiras defensivas, entrando em contato com sua própria sensibilidade-afetividade, experienciando novas tonalidades afetivas, como a paz, a serenidade e a plenitude, tal qual no amor primário, reconectando-se, portanto, com a Vida. Desta forma, começa a ser possível a experiência pelo/a paciente do sentir que a vida vale a pena ser vivida (Winnicott, 1975), um sentido da vida que não passa pelo plano racional, da representação, mas que se dá no mero fruir (Wondracek, 2008), no gozo de viver, sem mediação, no vivenciar na própria carne a afirmação de Michel Henry (2014, p. 325): “a vida é sem porquê, a vida é boa”, tal qual na autossatisfação autística (Tafuri & Martins, 2016), tomada numa conotação positiva, não como falha ou defesa, e diferentemente do que muitos pensam, não sendo jamais solipsista, uma vez que o narcisismo é sempre secundário e é preciso um meio acolhedor para que a autofruição se dê.

Imaginemos, por exemplo, um/a paciente jovem com sintomatologia depressiva, incluindo ideação sui-



cida, e história de autolesões (quadro bastante frequente na clínica contemporânea), que sofreu abandono por parte do pai na infância e tem relações bastante conflituosas com a mãe, não sentindo que suas emoções são validadas por ela. Este/a paciente, portanto, se encontra fixado no polo da tonalidade afetiva da angústia, vivenciando uma carência afetiva básica. Uma das possibilidades de recuperação deste quadro será a construção de uma relação de confiança com um/a profissional de saúde/terapeuta, que funcionará como um outro significativo para o/a paciente. Tal construção se dará ao longo do tempo, de forma processual, e deverá necessariamente incluir o acolhimento sensível por parte do/a terapeuta da necessidade de o/a paciente ser amado/a bem como a validação/reconhecimento das experiências emocionais dolorosas vivenciadas pelo/a paciente, tanto em sua vida passada quanto atual. Com o tempo, este/a paciente, ao sentir-se acolhido/a e validado/a, poderá construir significados para suas experiências vividas, dar sentido a elas, começar a se sentir amado/a por um outro significativo, de tal modo que suas angústias se tornem minimamente mais toleráveis e suportáveis até que, em um momento posterior, ele/a comece a recuperar o movimento natural da vida, isto é, a passagem do sofrimento para a fruição e vice-versa, com melhora da ideação suicida e dos demais sintomas depressivos, resgatando seu prazer e desejo pela vida.

Na relação comunitária inter-patética da clínica, se manifesta o poder de exercer e partilhar os dons recebidos na vida, como os sons, a voz, os movimentos (Martins, 2018), as expressões, ou o pintar, o cantar e o tocar, como no caso das arteterapias/musicoterapias. É justamente em comunidade, na comunhão amorosa com o outro, que a vida se potencializa, como nos bons encontros de Espinosa (2007), não havendo nada que eleve mais a potência da vida que o amor (Oliveira, 2021). Como afirma Edith Stein (2007, p. 459), “o ser finito alcança no amor sua máxima plenitude de vida”, ou ainda, como nos mostra Michel Henry (2014, p. 319-320), a vida necessita “se acrescentar sem cessar de si mesma, de fazer crescer sua capacidade de sentir, o nível de sua ação, a intensidade de seu amor”.

Considerações Finais

Procurei mostrar a importância das relações amorosas intersubjetivas primárias, estabelecidas entre a criança e seus pais (quem exerce as funções materna e paterna), bem como das relações posteriores com outras pessoas significativas, sejam relações de amizade, sejam relações amorosas, para o pleno desenvolvimento humano. O ser humano desde o nascimento carrega consigo a necessidade de ser amado/a – que inclui a necessidade de afeto, de atenção, proteção e reconhecimento – como a mais fundamental de suas necessidades; esta se relaciona a uma necessidade de sentido, visto que o amor contém todo o sentido da existência humana. O amor primário bem como as relações emocionalmente significativas estabelecidas na adolescência e na vida adulta são fundamentais para que o indivíduo desenvolva um senso de sentir-se suficientemente amado/a, o que terá implicações tanto com relação à dimensão espiritual quanto com relação à dimensão ética humanas, resultando em um alargamento do horizonte emocional do sujeito. Este, então, passa a experienciar outras tonalidades afetivas derivadas da fruição, como a paz, a serenidade e o maravilhamento com a beleza, em uma harmoniosa interpenetração com o ambiente, e se torna capaz de se sensibilizar com o sentir e o *pathos* do outro, de poder amar primeiro sem exigência de reciprocidade.

Problemas nas relações intersubjetivas primárias, como a não satisfação da necessidade de amor pelos pais, podem ter impactos negativos no desenvolvimento, levando à falta básica ou a uma carência afetiva básica, em que o indivíduo não se sente suficientemente amado. Isto pode resultar em diferentes tipos de trajetórias adotadas pelas pessoas. Uma trajetória relaciona-se ao sofrimento psíquico, na qual a pessoa permanece fixada na tonalidade afetiva do sofrimento, podendo permanecer em um estado depressivo ou assumir diversas reações defensivas, como comportamentos autodestrutivos (autolesões, tentativas de suicídio, exposição a situações de risco, etc). O sofrimento mental pode também ser o resultado de eventos traumagênicos, que fazem com que os afetos intoleráveis sejam refratários, *a priori*, ao acolhimento por outros significativos. A outra trajetória possível corresponde a reações defensivas “bem-sucedidas” diante das angústias intoleráveis, na qual o sujeito não manifesta sintomas psicopatológicos. Esta reação defensiva diz respeito a uma tendência à objetivação/racionalização, à indiferença emocional e completa desconexão com a Vida.

Extraí ainda algumas implicações de toda esta discussão para a construção de uma clínica fenomenológica-psicanalítica, que enfatiza a importância da relação médico/terapeuta-paciente, no sentido de que o profissional de saúde deva acolher e validar a experiência emocional do/a paciente, estabelecendo relações intersubjetivas patéticas com o/a mesmo/a, que se dão por meio da não-intencionalidade e do *pathos-com*, contribuindo desta forma para que este/a se sinta suficientemente amado/a. É no seio de relações comunitárias, como deve ser o caso do encontro clínico, que o sofrimento pode se transformar em fruição e que o sujeito pode se reconectar com a Vida, fruir da vida e sentir o amor originário, potencializando a vida em si.

Referências



- Balint, M. (1979). *La falta básica – aspectos terapêuticos de la regresión*. Barcelona Buenos Aires-México: Ediciones Paidos.
- Balthasar, H.U.V. (1989). *Si no os háceis como este niño*. Barcelona: Herder.
- Colombo, E.R. & Antúnez, A. E.A. (2022). Ateliê de Desenho de Livre-Expressão com Universitários: Afetividade como Evidência do Processo Terapêutico. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, Brasília, 10(2), 157-198.
- Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2007/2014). *Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência*. Vitória: Ministério Público do Trabalho, Projeto PCD Legal.
- Diniz, D. (2007). *O que é deficiência*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Espinosa, B. (2007). *Ética*. (Trad.: Tadeu, T.). Belo Horizonte: Ed. Autêntica
- Ferreira, M.V. & Antúnez, A.E.A. (2014). Fenomenologia de Michel Henry e a Clínica Psicológica: Sofrimento Depressivo e Modalização. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 19(2). 309-319.
- Frankl, V. E. (2016). *A presença ignorada de Deus*. (Trad.: Schlupp, W.O. & Reinhold, H.H.). 17a. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Freud, S. (1996). Um estudo autobiográfico, *Inibições, Sintomas e Ansiedade*. Análise leiga e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas, vol XX. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1925-26).
- Griesi-Oliveira, K. & Sertié, A.L. (2017). Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. *Einstein*, 15(2), 233-238.
- Henry, M. (2009). *Fenomenología Material*. (Trad.: Teixeira, J. & Ranz, R.) Madrid: Ediciones Encuentro.
- Henry, M. (2012). *A barbárie*. (Trad.: Rouanet, L.P.) São Paulo: É Realizações Editora. (Originalmente publicado em 1987).
- Henry, M. (2014). *Encarnação: por uma filosofia da carne*. (Trad.: Nougué, C.). São Paulo: Editora É Realizações
- Henry, M. (2015). *La esencia de la manifestación*. (Trad.: H. Luxán, M.H. & García-Baró, M.). Salamanca: Sígueme.
- Kierkegaard, S. A. (2010). *O Conceito de Angústia*. (Trad.: Valls, A.L.M.) 2ª. ed. Petrópolis: Ed. Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco.
- Lévinas, E. (1980). *Totalidade e Infinito*. (Trad: Ribeiro, J.P.). Lisboa: Edições 70.
- Marion, J.L. (1993). *Prolegómenos a la Caridad*. Madrid: Caparrós.
- Marion, J.L. (2005). *El fenómeno erótico – Seis meditaciones* – 1ª. ed. (Trad.: Mattoni, S.). Buenos Aires: El cuenco de plata.
- Martins, F. (2018). Michel Henry: Fenomenalidade da relação entre criatividade e não intencionalidade e sua operacionalidade no processo educativo. *Cadernos I: Círculo fenomenológico da vida e da clínica*. (Org.: Antúnez, A.E.A), (pp.100-113), São Paulo, IPUSP.
- Martins, F. e Antúnez, A. E. A. (2018). Violência de um amor originário ou violência a um amor originário? *Cadernos I: Círculo fenomenológico da vida e da clínica*. (Org.: Antúnez, A.E.A.), (pp. 14-20), São Paulo, IPUSP.
- Oliveira, S.M. (2021). O amor em Kierkegaard e Lévinas: abertura ao humano e a vidas vulneráveis. *Caminhos, Revista de Ciências da Religião*, Goiânia, 19, 156-175
- Oliveira, S.M. (2023a). Amor, erótica, mística e ética: o desenvolvimento espiritual humano. *Caminhos – Revista de Ciências da Religião*, Goiânia, 21(3), 658-676.
- Oliveira, S.M. (2023b). Oficina de Música para pessoas autistas: sensibilidade, estética e espiritualidade como resistência. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, 33(Esp), 154-166.



- Pereira, A. (2023). O fascismo como redução transcendental do humano e a sua superação pelo amor, em Michel Henry. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 63(1), 52-62.
- Rosenzweig, F. (1997). *La Estrella de la Redencion*. Salamanca: Ediciones Sígueme. Originalmente publicado em 1976
- Stein, E. (2007). *Ser finito e ser eterno*. In: Obras Completas, vol. III. Burgos: Ediciones El Carmelo, Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo.
- Stolorow, R. D. (1993). An intersubjective view of the therapeutic process. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 57 (4), 450-457
- Stolorow, R. D. (2011). Da mente para o mundo, da pulsão para a afetividade: uma perspectiva psicanalítica fenomenológico-contextualista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(2), 165-177.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Wondracek, K.H.K. (2008, setembro). *Da felicidade ao pathos: uma introdução à Fenomenologia da Vida de Michel Henry*. Texto baseado em palestra realizada no Encontro de Psicanálise da Sigmund Freud - Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

Recebido em 13.01.2024 – Primeira Decisão Editorial em 26.08.2024 – Aceito em 30.10.2024